

TEATRO
NACIONAL
S. JOÃO

ESTREIA 20 SETEMBRO 2020

DOM 21:00

TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS

UM FILME DE JOÃO BOTELHO
A PARTIR DA OBRA DE JOSÉ SARAMAGO

REALIZAÇÃO E ARGUMENTO
JOÃO BOTELHO

IMAGEM
JOÃO RIBEIRO

MONTAGEM
JOÃO BRAZ

DIREÇÃO DE SOM
JORGE SALDANHA

MONTAGEM E MISTURA DE SOM
PAULO ABELHO, TIAGO INUIT

MÚSICA
DANIEL BERNARDES

DECORAÇÃO
CLÁUDIA LOPES

FIGURINOS
SILVIA GRABOWSKI

CHARACTERIZAÇÃO
RITA CASTRO

ASSISTÊNCIA DE REALIZAÇÃO
ANTÓNIO PINHÃO BOTELHO

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
PEDRO BENTO

PRODUTOR
ALEXANDRE OLIVEIRA

COM
CHICO DIAZ, LUÍS LIMA BARRETO,
CATARINA WALLENSTEIN, VICTORIA GUERRA,
JOÃO BARBOSA, RUI MORISSON,
HUGO MESTRE AMARO, GUSTAVO VARGAS,
DINIS GOMES, RAFAEL FONSECA,
CLÁUDIO DA SILVA, FRANCISCO VISTAS,
HUGO SILVA, LUÍS LUCAS, JOSÉ MARTINS,
ANDRÉ GOMES, MIGUEL MONTEIRO,
MÁRCIA BREIA, LUÍSA CRUZ,
MARCELLO URGEĞHE, SOLANGE SANTOS,
FRANCISCO TAVARES, PAULO FILIPE MONTEIRO,
RICARDO AIBÉO, DINARTE BRANCO,
PEDRO LACERDA, MÁRIO SABINO SOUSA,
ALEXANDRA ROSA, CAROLINA SERRÃO,
BRUNO FERREIRA

PRODUÇÃO
AR DE FILMES

COPRODUÇÃO
FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

DURAÇÃO
2:08
M/14 ANOS

ETIQUETA DE PROTEÇÃO

OPERAÇÃO CONTINUA

RECUPERAÇÃO DO CONTINUA

PROTEÇÃO DE PROTEÇÃO

Nota de intenções

JOÃO BOTELHO

José Saramago escreveu romances notáveis, criou personagens inesquecíveis e tratou como ninguém a língua portuguesa, sim, essa que nos une a todos, a que nos faz Pátria, como inventou num admirável texto Fernando Pessoa. Eu que gosto muito do *Levantado do Chão*, do *Memorial*, do *Evangelho*, fico irremediavelmente atingido no cérebro e no coração pelo *Ano da Morte de Ricardo Reis*. Ao longo da minha vida no cinema fiz duas ficções e um documentário sobre Fernando Pessoa. Na minha prática recente, trouxe para o cinema textos fundamentais da literatura portuguesa: Pessoa, Garrett, Agustina, Eça, Mendes Pinto. Agora é altura de Saramago. A minha atitude é a luta contra o esquecimento, a afirmação da necessidade da leitura, a consciência de que sem o apoio do Estado não há cinema em Portugal e assim ter uma espécie de dever moral e cívico para devolver esse apoio, participando numa espécie de serviço público. [...] Sei que o cinema tem um forte lado lúdico, é um divertimento, é um espectáculo, mas devemos ser um pouco mais exigentes. [...] Também sei que o cinema não é literatura, é outra coisa, mas volto a afirmar que o cinema não são as histórias, “o que se passa, onde se passa”, mas “como” se filma, “como” se contam as histórias. E é esse “como” que leva à questão fundamental: “estar à altura”!

Para estar à altura deste notável romance de realismo fantástico decidi filmar a preto e branco, para a verosimilhança e a clareza das luzes, das sombras, dos vários cinzentos onde os personagens se vão mover, aflitos ou entusiasmados. Para que a reconstituição dos acontecimentos, dos ambientes, do guarda-roupa, dos adereços, da contínua chuva seja evidente e clara. Nos planos finais, uma explosão de cores deve permitir transportar o espectador para os tempos contemporâneos. Efeitos digitais permitem hoje reconstituir as fachadas de época e alguns acontecimentos extraordinários, como a passagem de um grande dirigível nazi sobre Lisboa ou o bombardeamento dos navios que os “marinheiros vermelhos” ocupavam, preparando uma revolução contra o regime, as ruas inundadas, a chegada do

Highland Brigade, etc. Deixei propositadamente de fora da adaptação dois episódios interessantes mas demasiadamente dispendiosos (muito tempo e muito dinheiro nos tempos e nos dinheiros que correm): a peregrinação a Fátima a 13 de Maio de 1936 e o exercício de defesa civil anti-aérea dirigido por uma incompetente legião no Rossio e nos Restauradores (serão brevemente contados ou referidos), para que se invista melhor em outras cenas de multidão mais decisivas para a narrativa. Uma escolha criteriosa dos actores principais e uma descrição dos locais de Lisboa em 1936 acompanham o argumento.

“Eu não sou nenhum fantasma!”, grita Fernando Pessoa, o criador, à criatura, Ricardo Reis. Pois não, porque o real, a verdade, está no texto, esse concreto que para os espectadores pode e deve ser palpável, matéria. Mas que se emocionem com Lúdia, essa musa que veio dos deuses para se transformar aqui num personagem quase neo-realista, humano. E com Marcenda, “esse belo gerúndio” marcado pelo defeito físico e pela juventude que tornam o personagem delicado e violentamente dramático. E com os secundários, velhos, vizinhas, gerente e empregados de hotel, ricos refugiados espanhóis, agentes sinistros da polícia, tratados aqui como principais, como eu sempre fiz em todos os meus filmes. E com a torrente dos acontecimentos em Portugal e no mundo que Saramago judiciosamente inventariou, dia-a-dia, como verdades indelmentíveis no terrível ano de 1936, talvez o “personagem” mais grandioso do romance. E como sei que o cinema se move mais do lado da metonímia do que da metáfora, as associações de ideias para o cinema são mais decisivas do que qualquer interpretação psicológica, todas as cenas estão ligadas por “raccords” cinematográficos implacáveis. E como se trata de Ricardo Reis, invoco os deuses, com letras minúsculas, para que eu possa cumprir bem a tarefa de transpor para o cinema esta notável narrativa de José Saramago.

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.

FICHA TÉCNICA TNSJ

PRODUÇÃO EXECUTIVA MARIA DO CÉU SOARES DIREÇÃO DE PALCO EMANUEL PINA ADJUNTO DO DIRETOR DE PALCO FILIPE SILVA DIREÇÃO DE CENA PEDRO GUIMARÃES LUZ FILIPE PINHEIRO (COORDENAÇÃO), ADÃO GONÇALVES, ALEXANDRE VIEIRA, JOSÉ RODRIGUES, NUNO GONÇALVES, RUI M. SIMÃO MAQUINARIA FILIPE SILVA (COORDENAÇÃO), ANTONIO QUARESMA, JOAQUIM MARQUES, JORGE SILVA, LÍDIO PONTES, PAULO FERREIRA SOM JOÃO OLIVEIRA VÍDEO FERNANDO COSTA

APOIOS TNSJ



AGRADECIMENTOS TNSJ

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
MR. PIANO/PIANOS RUI MACEDO

AGRADECIMENTOS
AR DE FILMES



Leguendary
Porto - Hotel

EDIÇÃO DEPARTAMENTO DE EDIÇÕES DO TNSJ

FOTOGRAFIA AR DE FILMES
DESIGN GRÁFICO SAL STUDIO
IMpressão EMPRESA DIÁRIO DO PORTO, LDA.

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo.
O uso de telemóveis e outros dispositivos eletrónicos é incómodo para os espectadores.